

A Architectura Portugueza

REVISTA MENSAL

DA

ARTE ARCHITECTURAL

ANTIGA E MODERNA

Collaborada por architectos e escriptores d'arte portuguezes

	ANNO I — N.º 5	MAIO — 1908	
SUMMARIO			
<p>TUMULO MONUMENTAL DO VISCONDE DE VALMÔR NO CEMITERIO DO ALTO DE S. JOÃO—Projecto do Architecto, Alvaro Machado—<i>Rozendo Carvalheira.</i></p> <p>A APOLOGIA DA CURVA — <i>Abel Botelho.</i></p> <p>O PROJECTO DO TUMULO VALMÔR — Architecto — <i>Alvaro Machado.</i></p> <p>INTERCALARES IX E X, DO PROJECTO.</p>			
ASSIGNATURA			
PAGAMENTO ADIANTADO			
	Trimestre 900 Semestre 1800 Anno 3600 Avulso 400	 Para os países da União Postal Anno 43500 Anuncios pela tabella, conforme o espaço.	

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA MARIA ANDRADE, 10, 2.º — LISBOA

Composto e impresso no

GENTRO TYPOGRAPHICO COLONIAL

Rua da Conceição da Gloria, 76 a 80

1908

A ARCHITECTURA

Revista mensal
de construção
e de architectura pratica

PORTUGUEZA

Director-proprietario: MARIO COLLARES

Secretario da redação: MARIO A. S. DUARTE

Composto e impresso no Centro Typographico Colonial—R. Conceição da Gloria, 78 e 80
Photographies de Arnaldo da Fonseca — Gravuras de Pires Marinho & C.ª

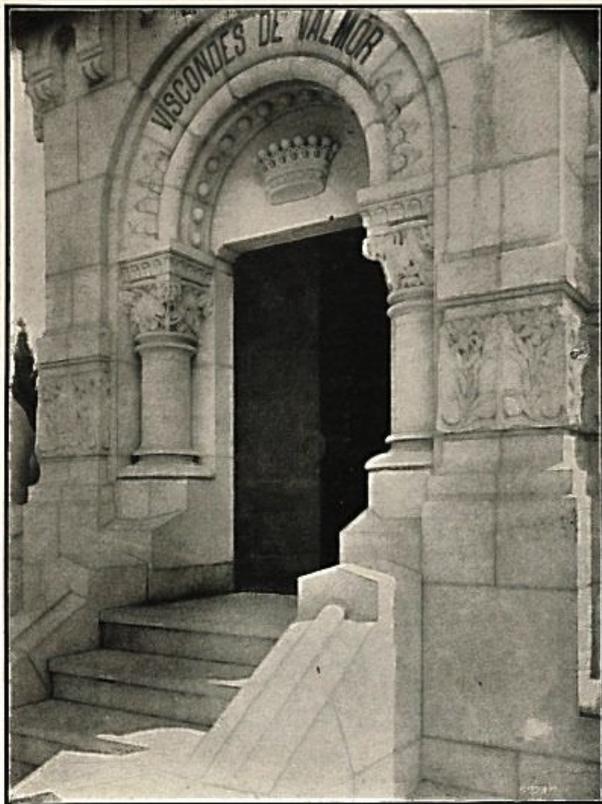
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA MARIA ANDRADE, 10, 2.º — LISBOA

Tumulo monumental do Visconde de Valmôr

(No cemiterio do Alto de S. João)

PROJECTO DO ARCHITECTO ALVARO MACHADO

E' este um trabalho-padrão que serve eloquentemente para aferir e attestar as altas faculdades artisticas e technicas de um architecto de verdadeiro valor. Ninguem dirá ao admirar-lhe o complexo conjunto e ao apreciar-lhe as preciosidades do detalhe que foi esse por assim dizer, o trabalho inicial do seu auctor, porque, se artisticamente revela raras qualidades de composição, tecnicamente apresenta difficuldades que nem todos vencerão sem que tenham a ajudar-lhes o natural talento, a longa pratica profissional. O tumulo monumental do Visconde de Valmôr se como peça d'arte docu-



Entrada do tumulo

menta a envergadura de um artista de solidos recursos, como trabalho architectonico é digno de figurar entre os melhores e *mais sinceros* que entre nós nos ultimos annos se teem realisado. O arranjo equilibrado e nobre das suas linhas fundamentaes, a *solidex* da composição, a consciencia meticulosa

do detalhe, a observação logica, precisa e estudada da sua estereotomia, tornam esta verdadeira obra d'arte um precioso documento de legitimo orgulho para o seu inspirado auctor.

Como é geralmente sabido, os artistas portuguezes de accordo com a illustre viuva do benemerito Visconde de Valmôr, resolveram como tributo de reconhecimento á memoria de quem em vida tão alta protecção dispensou á arte e aos artistas nacionaes, erigir-lhe um tumulo-monumento, com a collaboração dos varios ramos d'arte que pudessem ser tributarios de tão elevado ideal.

Facultando a sr.ª Viscondessa de Valmôr todos os recursos materiaes necessarios, deu-se inicio á idéa, abrindo-se concurso entre os architectos portuguezes, e sendo n'esse concurso classificado de *primeiro* o projecto do novel architecto Alvaro Machado.

Escolhido o projecto, tratou-se immediatamente da sua execução abrindo-se na sede do Gremio Artístico e com a cooperação d'alguns membros dos corpos gerentes, o concurso de propostas para a construção do monumento no-respectante a cantarias que na sua quasi totalidade o constituem. Foi em resultado d'esse concurso, entregue a construção aos srs. Antonio Moreira Rato & filhos pela importancia de 24.900\$000 reis; da fórma como se houveram n'este importante trabalho, melhor do que eu o poderia fazer, o proprio trabalho o diz: — muito bem, mostrando mais uma vez, que os artistas nacionaes podem ter na conceituada firma, uma intelligente interprete dos seus mais difficeis e inspirados trabalhos.

Levou, se não me engano, cerca de dois annos a construção de este tumulo-monumento; e o que n'esse periodo de tempo trabalhou e soffreu o architecto para levar ao fim desejado o honroso mas laboriosissimo encargo em que o seu merecimento e as circumstancias o haviam investido, não é facil dizer-se em poucas palavras nem talvez seja util dizel-o em publico e razo... não vão alguns artistas novos, ingenuos, se os ha ainda, esmorecer atirando com os seus diplomas ás ortigas, assustados com o exemplo e fugindo d'uma carreira onde a intriguinha vil em intimo conubio com a ingratição medram gloriosamente... Adiante.

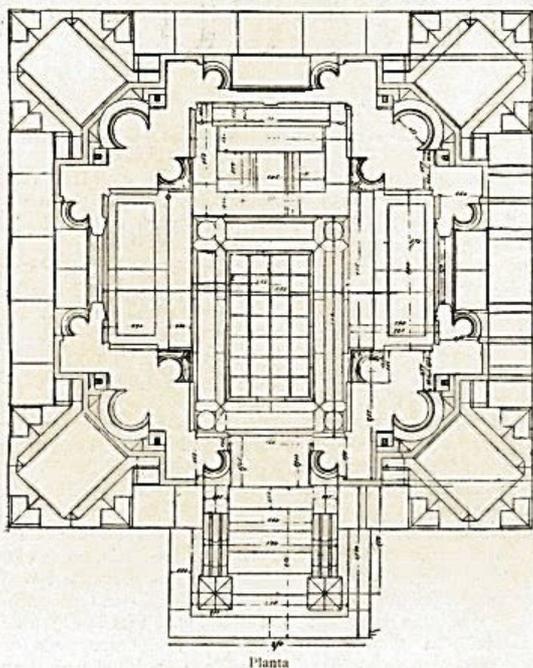
O tumulo é de estylisação romanica, muito bem harmonisada desde o conjunto ao detalhe, tendo internamente pinturas muraes e douraduras que lhe imprimem suave e ao mesmo tempo severa entoação antiga.

Foram essas decorações internas, feitas por artistas de talento e de responsabilidades definidas, por isso escusado será mais detalhada referencia bastando citar-lhes o nome: — foram elles: — Vellozo Salgado, Carlos Reis, Antonio Thomaz da Conceição e Silva e Condeixa; todos elles gratuitamente trabalharam com o melhor de seu util esforço.

As quatro estatuas que decóram exteriormente o tumulo occupando as bisetrisas dos respectivos angulos recntrantes, fôram modeladas pelos esculptores José Moreira Rato, Fernandes de Sá, Thomaz da Costa e Costa Motta, tendo este ultimo feito o seu trabalho gratuitamente; tambem gratuitamente fez todo o trabalho de modelação das varias peças ornamentadas, o escultor Costa Motta, sobrinho. Os nomes dos artistas, já todos altamente cotados no nosso meio artistico, mantiveram n'estes trabalhos o conceito adquirido.

Ainda tiveram valiosa collaboração n'este magnifico trabalho d'arte o dourador Manuel João, bondoso, sympathico e habil companheiro de todos os artistas que precisam da arte do seu ouro para a emolduração do ouro da sua arte.

Vicente Joaquim Esteves, habilissimo serralheiro que fez a porta de bronze do monumental jazigo, e a firma Cardozo, Dargent & C.^a, que fez a grade de ferro que circunda o edificio. Não deve ainda esquecer-se o nome do mestre Eduardo, encarregado da officina de canteiro da firma adjudicataria Moreira Rato & Filhos, que em todo o trabalho de cantaria se revelou á altura do espinhoso encargo em que o investiram.



Planta

Toda esta preciosa obra d'arte custou aproximadamente 34.000\$000 de réis, sendo como já se disse a maior parte da collaboração artistica gratuita.

Mas o architecto? Quasi que já ia seguindo n'este rapido artigo o edificante exemplo do que muitos lhe terão feito; esquecel-o.

Pois não, não ha-de ser assim, porque quem tão levantada ideia deu do seu talento, do seu absoluto desinteresse, do seu trabalho enorme, da sua inexgotavel paciencia, não merece ser esquecido. Por isso julgo conveniente que aqui fique registrado como acto de justiça que o projecto e construcção do tumulo Valmôr constituem um trabalho que em toda a parte honraria um artista; — que todo o trabalho produzido pelo architecto foi gratuito e ainda aggravado com importantes despezas que pagou do seu pouco fornido bolso d'artista que trabalha para ganhar o pão; — que todo esse valioso trabalho feito no inicio da sua carreira e quando mais se precisa de estímulos e de auxilios, foi levado a effeito entre crueis attrictos e desenganos tendo como recompensa... a dura lição dos factos, que queira Deus lhe sirva pela vida fóra.

Cumpriu e cumpriu com honra o nobre encargo d'arte que d'artistas recebera, e a consciencia do dever cumprido deve-lhe ser grato estímulo... á falta d'outros.

Cumpriu com honra embora sem *proveito*? que importa isso? — não se desconsola, porque essa *senhora* parece andar divorciada d'este *cavalheiro*; se lhe damos o braço e a acariciamos com amor metendo-a no coração, paga-nos com sorrisos estéreis e amargos, emquanto *elle* vai buscar outra pessoa que se o não mette no coração o mette... na algibeira. Já muitos teimaram em encafiar os dois n'um sacco, mas... ou o sacco era pequeno ou os dois são muito grandes: — o que é certo é que os melhores philosophos proclamaram como

dogma incontroverso que *honra e proveito não cabem n'um sacco*.

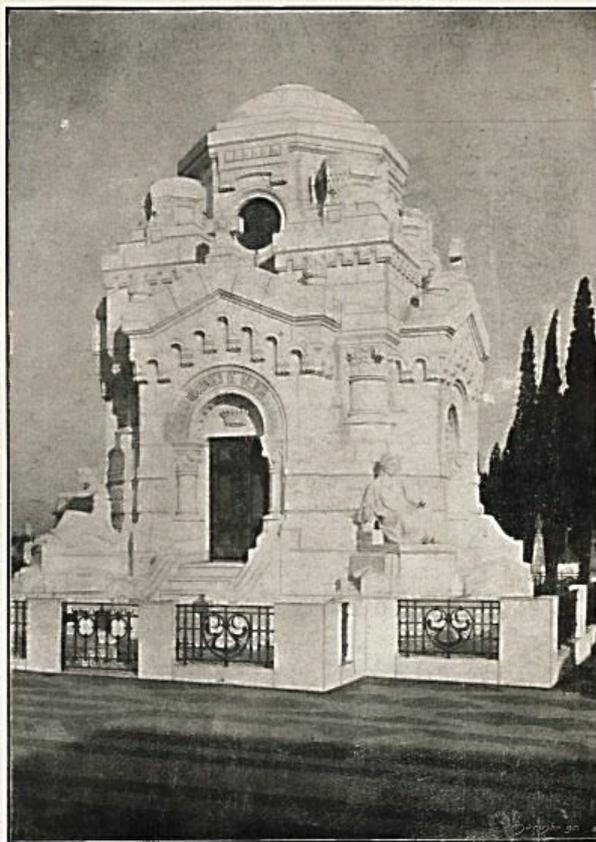
*
* * *

Pedi um dia a este artista com cuja amizade me honro, que me deixasse vêr os agradecimentos, as lembranças amáveis, dos serviços desinteressados que por ventura tenha prestado aos outros, no exercicio da sua já brilhante carreira profissional, pois senhores, o figurão negou-se e nada me quiz mostrar; fez *caixinha*... provavelmente por modestia e eu tive que respeitar esse eloquente silencio; estes artistas tem coisas muito extraordinarias!...

ROSENDO CARVALHEIRA

Apologia da curva

Vejo com prazer que segue atrahindo em progressivo interesse a opinião o problema do embelezamento da cidade. E como um dos aspectos d'este seja, sem duvida, a questão architectural, logicamente bom numero de jornaes e de aggremações visam e debatem com viva predilecção o assumpto do *facies* das edificações urbanas, procurando pôr a claro a excellencia de novos dogmas estheticos ou esforçando-se por alcançar o predomínio da hygiene sobre o preconceito, do saber sobre o empirismo, da arte sobre a rotina.

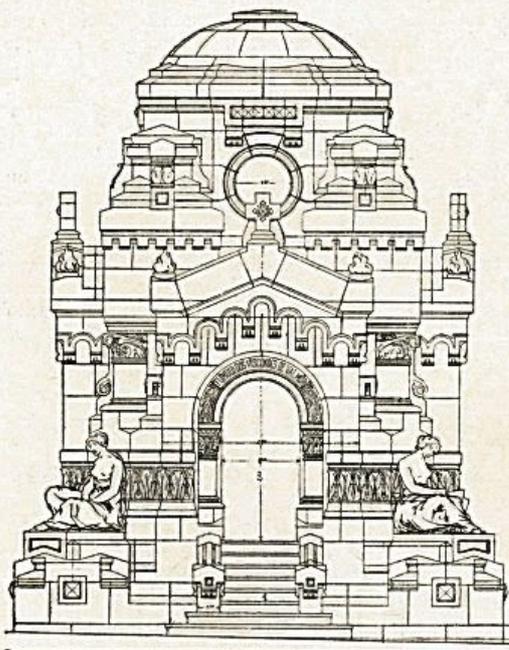


Tumulo Valmor, tirado do angulo norte

Vêm-me por isso a occasião de molde para alguma coisa eu tambem dizer com referencia ao thema, tão palpitante e tão essencial, das construcções, não individualmente consideradas, não na sua melhor ou peor ossamenta, na judiciousa escolha dos materiaes, na subordinação harmonica a um estylo, na erudita evocação d'uma epocha, porém olhadas antes no seu aspecto collectivo, na grande impressão de conjuncto deri-

vãte da linha geral do seu desdobramento ou do schema da situação que occupam.

Ora quando encaremos sob este aspecto a questão, hemos de por força concordar em que se está abusando espantosamente entre nós da linha recta.



Fachada principal

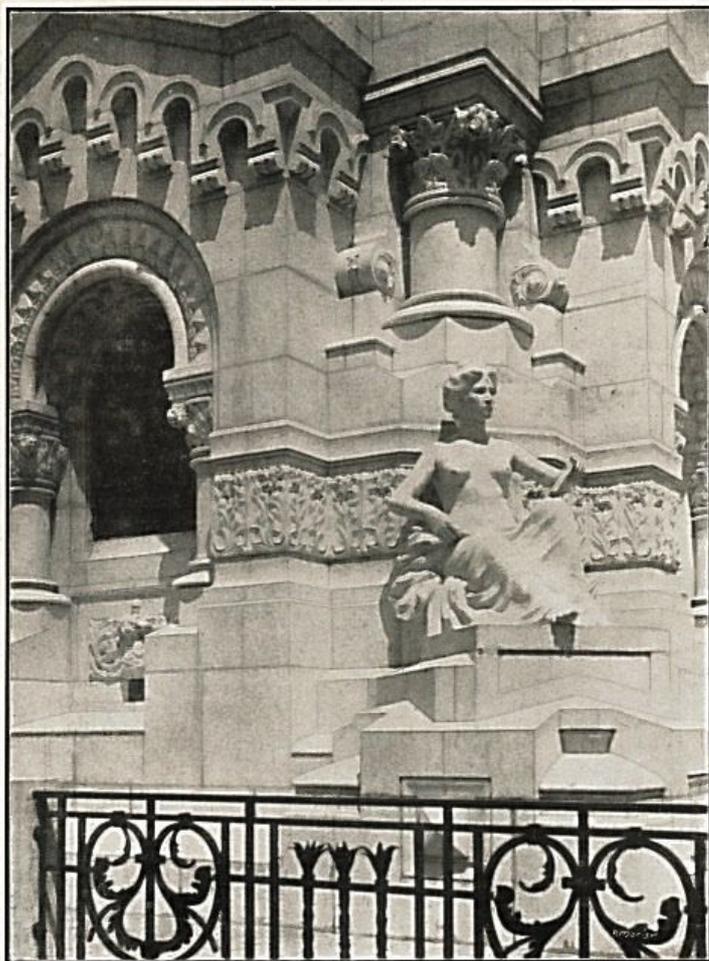
Esse rasgamento salutar da Avenida da Liberdade teve a sua razão de ser, foi um acto bem comprehendido de iniciativa benemerita. Vinha a justificá-lo, hygienicamente, o formidavel banho lustral de ar e de luz que ficou inundando a Baixa; technicamente, a consideração de que o seu traçado devia com effeito seguir, simples e natural, por aquella linha de *thalweg* do valle. Estava indicado. Mas, porque este grandioso empreendimento veio marcar um real progresso, quizeram depois successivas vereações, indefinidamente e sem o preciso criterio, macaqueal-o. Veio o abuso e converteu uma idéa excellente n'um destempero. O planeamento e a immediata execução de novas Avenidas passou a ser uma tola obsessão edilicia, uma febre de concepções sem nexos e de mutilações a ésmo, uma mania tão arbitraria como pueril, artisticamente uma monstruosidade, financeiramente um desperdicio. Desatou-se por toda a parte a decretar á tôa alinhamentos; a rasgar, a cavar, a subverter, a aterrar n'uma furia doída, e por via de regra em briga com as mesmas condições orographicas, com a encantadora feição tradicional, com as necessidades de natural expansão e os magnificos horisontes panoramicos da cidade.

Como a estúpida pata d'um pachyderme esmagando a macieza avelludada d'um parque fidalgo, assim assentaram uma esquadria implacavel sobre este voluptuoso colleamento de collinas. Por toda a parte linhas duras, inflexiveis, e monotonos alongamentos de perspectiva que arrefecem o ambiente e emparedam a phantasia. Tudo ahi se quebra em arestas, em cotovelos, tudo na disciplina semsabor do angulo recto, tudo é cortado bruscamente. E essas infindaveis linhas, hirtas e uniformes, vão invariavelmente orladas de bisarmaes e monotonos caixotões, inexpressivos, banaes, macissos e hirtos como tumulos. Por fórma que a Lisboa nova saiu esta coisa arida e geometrica que vemos, desabrida, inclemente, sem suavidades, sem frescura, sem imprevisito, sem claros de repouso, — uma grande semsaboria de pedra.

E um dos ultimos attentados no genero ainda seria agora esse desastrado proposito, — que felizmente parece gorado, — do enfiamento d'uma nova arteria rasgando o jardim da Estrella.

Isto quando nós vemos que na eterna obra de renovação, no impeto creador da Natureza, todas as preferencias são para a linha curva. Lá pelo alto e de roda de nós, em grande, redondos são os astros, redonda é a traça amorosa das suas orbitas, redondas as fugas do seu vôo cosmico pelo espaço. Aqui no nosso pequenino mundo, a mesma coisa: é redondo o algodoado esgarçar das nuvens, a gibba opaca dos montes, o tenro bracejar das arvores, o perfumado gyneceu das flôres, o caprichoso leito dos rios, a irrequieta ancia das vagas. Dos mais microscopicos sêres os germens infinitesimos são redondos. No mesmo seio da terra, exceptuando certas crystallisações, a fecundação e o desdobramento mysterioso dos sêres caminham livre e redondamente, na mais solta orgia plastica. Tambem, no corpo humano, a qualidade afinadora por excellencia, o que mais nos deleita, o que mais nos prende, é a eurythmica elegancia das curvas. E ainda quando, por effeito de qualquer impulsiva energia, um corpo é despedido n'um jacto rectilineo, ahi vem logo a gravitação adoçar-lhe, encurvando-a, a cruêza dynamica do arremesso, — quer se trate do disparo d'um projectil, quer do jôrro d'um liquido, quer d'uma girandola de estrellas.

Em summa, n'esta symphonia perennual do universo, tanto nós nos habituámos a vêr sempre a linha curva como sendo o



Angulo poente

attributo natural, inseparavel, da vida, e tanto a linha recta se nos afigura um accidente, um producto exotico, um recurso por vezes util mas pouco feliz, uma invenção de calculo e de artificio, que quando a astronomia fez, como sabem, a descoberta dos chamados *canaes* do planeta Marte, não lhe achou explicação plausivel senão considerando a genese d'esses colossaes alinhamentos paralelos, em tão flagrante antinomia

com todas as mais condições conhecidas d'aquelle astro, como sendo um phenomeno alheio á influencia dos agentes naturaes. E julgou-os a obra do homem.

Desde os mais recuados tempos da vida humana sobre a terra, que sempre o uso preferente da linha recta foi um signal de atrazo; sempre o acariciamento da linha curva tem correspondido aos melhores periodos da civilisação. E' vér, ao acaso. Nas velhas sociedades babilonica e egypcia, o bruto esmagamento pyramidal da sua architectura era bem o traslado social d'essas extranhas epochas de tyrannia e de barbarie, de oppressão e de mysterio. No mundo grego, é certo, a arte, producto d'uma raça epicurista e sensual, espirante de seiva, expandiu-se logicamente, pesada e direita, n'um parallelismo muito chegado á terra; mas tinha a poetisa-a, a etherisa-a, a illumina-a de graça, a finura, a esbeltez, a elegancia, a fluida suavidade, o contorno ideal das suas columnas. Na idade-média, depois, o afusamento alado das agulhas das cathedraes ergueu-se audacioso na impassibilidade do céu, n'uma linha rigida e inflexivel; mas d'esta architectura de sonho o traço caracteristico, o symbolo ficou sendo a ogiva, — ainda uma curva, — lembrando duas mãos postas em prece, no seu fervoroso extase de alcançar o infinito. A esterilidade classica deu essa descommunal semsaboria monastica, e os parques e jardins cortados á tesoura. E, mais recente, no mundo moderno, é vér como, depois da Renascença, todo o refofamento exuberante dos seculos XVII e XVIII, essa prodigalidade barôca de grinaldas, florões, conchas, valvas e volutas, corresponde ao generoso arranque d'uma sociedade nova e aos clarões deslumbradores da Encyclopedia.

Pelo exaltado culto da linha recta nós endurecemos a vida, algemámos a phantasia e encurralámos n'um bécco sem saída o espirito. Tudo é hirto, frio e inerte, desde a esquadria banal dos predios ao pautado geito dos costumes. Tudo está codificado, alinhado, — portanto, desfigurado. Espontam-se as vontades como se tosquiavam as arvores. E, fóra d'esta trivialidade convencional e sorna, não achamos refugio senão no imaginoso volutear da linha curva; só na curva encontramos o que nos impressiona agradavelmente, o que nos traz a divina emoção da Belleza. Porque a linha recta foi inventada para o utilitario aproveitamento do tempo; ao passo que a curva é o devaneio, é o sonho, é o prazer, é o vago estremecimento que nos transporta a uma região de amnesia e de goso, onde o tempo se não conta e as miserias se esquecem.

Eu bem sei que esta nossa febre das grandes avenidas a tiro foi em boa parte uma mania de importação, uma questão de figurino. Agradaram-nos tanto porque fóram moda lá fóra. Sem attentarmos em que o predomínio dos arruamentos a cordel é principalmente apanagio das cidades planas, sem pittoresco de visão, sem largueza de pontos de vista, e onde portanto, pela sua área e arredores, póde a esquadria correr á vontade sem á planicie nada tirar da sua chata uniformidade. E' de notar porém que, no estrangeiro, mesmo em cidades n'estas condições, nunca o abusivo riscar da linha recta haverá talvez atingido este desafôro de agora, aqui em Lisboa. Veja-se, por exemplo, Paris, onde o traçado de varios dos seus melhores *boulevards* não é rectilíneo, antes racionalmente se adapta ao desdobramento harmonico da cidade.

E na bem entendida observancia d'este fundamental preceito se cifra a grande solução do problema. A feição esthetica das grandes e pequenas cidades tem de ser, primeiro que tudo, *racional*. Ora n'esta ordem de idéas, — vêem bem, — as novas avenidas a construir em Lisboa, que com Lisboa melhor se casam, de que Lisboa mais carece, — com a multiplicidade dos seus aspectos, o pittoresco das suas transições e a variegada amplidão dos seus amphitheatros, — não são de modo nenhum esses triviaes e duros alinhamentos, que se abrangem d'uma vez, que a monotonia varre e que a perspectiva afunila, mas umas como que arterias epidermicas, intimamente cingidas ao relevo geologico da cidade e que suavemente se enlaçassem ao boleamento manso das suas collinas.

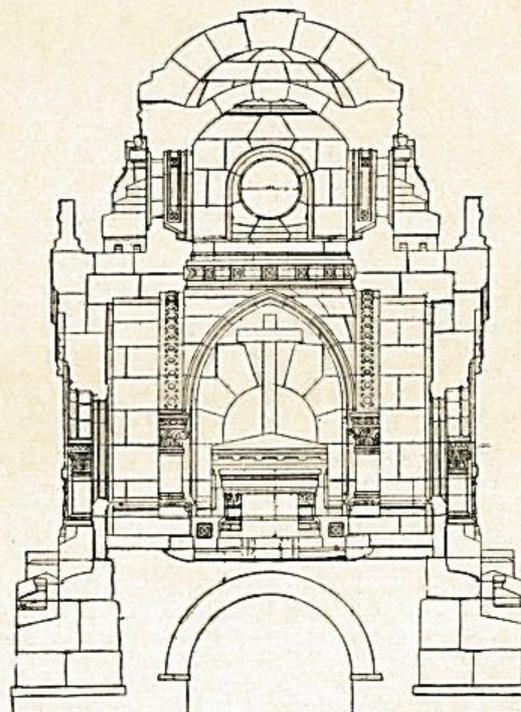
Em vez de uniformemente alinhado, não importa por onde, o traçado d'estas avenidas seguiria o caprichoso recorte dos montes, d'uns para outros passando em bem graduados lacêtes, que os envolvessem n'um espreguiçamento languido e fôssem subindo, subindo sempre, n'uma linha acariciadora e

tranquilla. Do lado interior, as construcções; e a orla exterior ficaria limpa, desafogada, com um largo campo de visão, d'onde o olhar da multidão viesse, deslumbrado e ávido, debruçar-se sobre todo esse espanejamento immenso de primoirada franja de rosados atterros marginaes, o Tejo, os caes, as docas, os jardins, os templos, a tostada mancha das ruinas, a polychromia rutila das encostas, o formigueiro loução da casaria.

Imagine-se o effeito perspectival soberbo d'uma d'estas avenidas flanqueando os môrros da Penha de França, da Graça, e do Castello; ou d'outra que, costeando São Roque, fôsse á Penitenciaria, por Campolide; ou ainda uma que, habilmente sujeita ao relevo do sólo, da ribeira de Alcantara ascendesse ao alto de Santa Catharina. D'esta maneira valorisariamos como ellas merecem, as exceptionaes condições de belleza natural da cidade, e que opulentam e distinguem Lisboa por uma fórmula unica na Europa. E como que voluptuosamente nos sentiriamos transportar ao Espaço quando subissemos a amorosa curva d'essas espiraes, offerecendo-nos o desdobramento d'uma fita panoramica soberba, prodigas sempre de aspectos novos.

Quando o fizermos, então, sim! — e só então, — teremos sabido imprimir ao embellezamento urbano da capital o seu verdadeiro caracter e poderemos fornecer ao estrangeiro um pouco de inédito.

ABEL BOTELHO



Corte transversal

RECTIFICAÇÃO

Por equívoco no ultimo numero da nossa revista, invertemos os dois primeiros nomes do illustre architecto sr. José Luiz Monteiro, chamando-lhe erradamente Luiz José Monteiro.

Aqui fica feita a devida correção, aproveitando o ensejo para dar agora a lista completa dos seus discipulos a que apenas nos referimos de relance no artigo sobre aquelle artista.

Esses discipulos são os srs.: Alfredo d'Ascensão Machado, Augusto da Silva Pinto, Leonel Gaya, Francisco Carlos Parente, Francisco Soares Parente, Adolpho Marques da Silva, Alfredo Maria Costa Campos, Alvaro Machado, Jorge Pereira Leite, José Alexandre Soares, Evaristo Gomes, Manoel Joaquim Norte Junior, Tertuliano de Lacerda Marques, João Antonio Piloto, Arthur Rato, Ferraz, e Bizarro, já fallecido.

Tumulo Valmôr



PERSPECTIVA

Tumulo Valmôr



INTERIOR